

# Ordem liberal e economia Coen. Brasil

J.O. de Meira Penna

Os grandes pensadores do Liberalismo clássico, Locke, Kant, Adam Smith, Burke, Tocqueville, Benjamin Constant e os autores do *Federalist Papers*, consideraram todos que a democracia consiste numa conciliação de interesses divergentes. O governo deve exprimir um denominador comum. A lei, sendo igual para todos, impõe uma certa disciplina e é nesse sentido que se pode e se deve falar numa *Ordem liberal*. A política, por outro lado, seria a arte do possível — o que foi mesmo dito por um autoritário brutal como Bismarck. É também a arte de engolir sapos. O que salva a política é a existência de princípios éticos que orientam o comportamento dos cidadãos, independentemente da intervenção corretora do Estado: por isso também se fala em *Fundamentos Morais* da democracia. A capacidade conciliatória implica a existência de uma consciência (ética) de comunidade de interesse geral, acima dos interesses particulares restritos e imediatos. A racionalidade da política (Razão prática kantiana) implica o talento de ver mais longe, no tempo, e mais largamente no espaço social. Mas seria isso possível num povo epimeteano, de baixo nível cultural e sujeito a impulsos irracionais? Epimeteu, irmão de Prometeu, só pensava depois de agir.

A economia, dependendo da virtude da Prudência, é um terreno onde tais considerações são eminentemente pertinentes. Parafraseando Lincoln, eu diria “é possível alguns desejarem tudo em algum momento, e é possível todos desejarem alguma coisa todo tempo, mas não é possível todo mundo desejar tudo ao mesmo tempo”. Não é possível, por exemplo, o que se queira, ao mesmo tempo, 1) acabar com a inflação e 2) aumentar os salários, 3) diminuir os impostos e prosperar os lucros das empresas; não é possível 4) congelar os preços e 5) evitar o ágio, a escassez de produtos, a economia subterrânea e o mercado negro; não é possível 6) fazer reforma administrativa, restabelecendo a eficiência e o equilíbrio orçamentário, 7) sem demitir ninguém; não é possível 8) abastecer generosamente o mercado interno e 9) exportar mais, para pagar a dívida externa; como também não é possível 10) ameaçar de moratória e 11) atrair o capital estrangeiro, obtendo novos empréstimos estimulantes do desenvolvimento; nem é possível 12) acelerar o crescimento da economia e 13) propor toda série de medidas socialistas e nacionalistas. É evidente que todas essas 13 propostas (13 é um número azulado), elogiáveis individualmente e talvez racionais num ângulo agudo, e favoráveis ocasionalmente a este ou aquele grupo parcial, são incompatíveis e incoerentes em seu conjunto. É mister evitar o “egoísmo grupal” de que fala Carlos Rangel, a ele atribuindo o atraso do continente sul-americano. Consequentemente, como conciliar racionalmente o interesse geral a longo prazo, com o de parcelas míopes da população que só vêem seu interesse restrito e imediato? Para começar, como corrigir as distorções da economia e certas injustiças, ditas “sociais”, que levantam protestos unânimes, enquanto não se amestrar o monstruoso dinossauro do Estado patrimonialista e clientelista, que suga todas as riquezas?

O problema é que, como acentua Mário Henrique Simonsen, Papai Noel não existe. Ou só existe na mitologia infantil. A magia não vigora na economia, embora desde sempre as finanças tenham sido dirigidas por feiticeiros, quase sempre aprendizes. Por isso concordo inteiramente com a tese de Roberto Campos de que o País sempre

viveu, em sua história financeira fantástica, em períodos cíclicos de perdulários alegres, levianos que estimulam a inflação, e de sovinas macambúzios, impopulares, que restabelecem a seriedade da poupança. Nesse sentido, o Cruzado II é melhor do que o Cruzado I porque mais realista e de maior seriedade, embora ainda de honestidade insuficiente...

Emil Farhat chamou o Brasil de “país dos coitadinhos”. Coitadinhos dos funcionários do IBC, quatro mil dos quais não fazem nada a não ser perder para a Colômbia a posição de primeiro exportador de café. Coitadinhos dos deputados e senadores que precisam de 110% de aumento, mais jetons, depois de todas as despesas que tiveram com as eleições. Coitadinhos dos grevistas da ECT que violam o artigo 162 da Constituição: é muito chato distribuir cartas o dia inteiro. Coitadinha da funcionária que eu conheço e que dispõe de três empregos públicos, a que só comparece para assinar o ponto e receber o salário no fim do mês: como tem de movimentar-se todos os dias de uma repartição para outra! Coitadinha da classe média porque lhe aumentaram o preço dos automóveis, da gasolina, do álcool, dos cigarros, das bebidas e das taxas dos serviços públicos: será coibida na fúria turística de que se acha possuída. Coitadinha da classe operária (com o “gatilho”, ao que dizem, um verdadeiro cano apontado para sua cabeça) porque é tempo de conter a explosão de consumo que estava arrebatando com a economia dos pingüins congelados. Coitadinhos dos extranumerários e dos mordomos do Estado patrimonialista — meio milhão dizem alguns! — que terão de ser demitidos se se quiser, realmente, colocar a economia nos eixos. O fato é que ninguém, neste país, quer apertar os cintos nem compreender que, por exemplo, o Japão e a Coreia surgiram ou estão surgindo como potências econômicas, não porque fizeram greves e reduziram as horas de trabalho semanais, mas porque trabalharam duro e pouparam. Ora, as leis econômicas são implacáveis: dura lex, sed lex! Não é, dr. Funaro? Coitadinho mesmo é o ministro da Fazenda: não se pode eliminar a inflação e voltar a crescer, sem acabar com o artificialismo do congelamento, reduzindo as vantagens de cada um, em particular, e de todos em conjunto. Se a santidade for definida como a virtude da paciência, como o fazia São Francisco, então santo deve ser Funaro. Lembrem-se de que a melhor administração financeira que teve a velha República foi na época de Campos Salles e de seu ministro Joaquim Murinho. Pois bem, Campos Salles foi também o único presidente da República que, ao deixar o governo, foi vaiado. O povão é assim... Os *hoi-polloi* não entendem de economia. Não se pode querer ser um verdadeiro estadista e popular ao mesmo tempo, fazendo a vontade de todos os coitadinhos de que está repleto o País. Ser bom-moço também não funciona em economia... O senhor presidente da República, que parecia a princípio um político provinciano, oportunista e atordoado pela responsabilidade súbita que lhe caíra nos ombros, revela-se hoje de um maquiavelismo mais sofisticado. Soube escolher o momento oportuno para fazer engolir a píslula amarga de uma maior seriedade econômica. Mas que não imagine que vai ser indefinidamente o político mais popular do País: o bigodão alegre não convence a todos... Sarney está começando a se revelar melhor estadista, à medida que vai perdendo a popularidade barata que almejava.